

JOÃO DO RIO

VARIAÇÕES

SOBRE O

“FLIRT”



RIO DE JANEIRO

Livraria Luso-Brasileira

M. Piedade & C.—Editores

46 — RUA DA ASSEMBLEA — 46

1907

VARIAÇÕES SOBRE O "FLIRT"

OBRAS DO AUTOR

As Religiões no Rio, 7. milheiro — Editor Garnier.

O Momento Litterario — Editor Garnier.

A Alma encantadora das Ruas — Editor Garnier.

Salomé de Wilde — Editor Garnier.

Dentro da noite, Contos a apparecer.

Era uma vez... Contos para creanças de collaboração com Viriato Correia — Editor Alves & C.

Ultima Noite, episodio dramatico em 1 acto representado pela 1. vez em o dia 8 de Março de 1907 no T. Recreio.

JOÃO DO RIO

VARIAÇÕES SOBRE O "FLIRT"

Pequeno

Ensaio de psychologia urbana



RIO DE JANEIRO

Livraria Luso-Brasileira

M. Piedade & C.—Editores

46 — RUA DA ASSEMBLEA — 46

1907

A. Madame de E.

Minha Senhora,

E' um prazer quando se está a dizer coisas interessantes apenas pelo seu proprio interesse, ver que entre pessoas de alta sociedade e preconceito estreito fulguram um sorriso superior e um entendimento elevado. O sorriso encontrei-o eu uma vez—sorriso que me pareceu suave com um balsamo e reparador como o orvalho da noite. Vel-o acompanhar as futilidades deste pequeno ensaio de investigação urbana, seria para mim, o barbaro e o excessivo, a maior das recompensas — porque só assim poderia a desconfiança de haver feito obra talvez inutil, de mau estylo talvez—mas a certeza de de algumas attitudes que a interessassem. E seria para mim a felicidade suprema, tel-o conseguido.

Que a sua extrema bondade permitta a ousadia da offerta.

João do Rio.



Flirt. Toda a gente falla agora de Flirt. Fala de Flirt como fala do bridge e dos automoveis: — sem comprehender a violencia narcotica do primeiro, e a força inenarravel dos segundos... Flirt! E' uma questãõ de moda que as senhoras arvoram como quem estréa um vestido esplendido ou um adereço de pedras caras.

E' um novo figurino do amor, absolutamente indispensavel como a electricidade e o homem de negocios. Palavra franceza, costume

americano—fusão da moral. Galanteria pratica, fetichismo semi-ousado, experimentalismo excitante. Que é o Flirt? O philosopho mandava sentir e não saber: *il faut sentir et non savoir*. Mas o amor é sentir, sentir é gosar o soberano bem, o estado harmonioso do corpo, e o flirt é a exasperação dos sentidos. Factos de tal monta muito antes de S. Thomaz de Aquino, eram para que os homens os meditassem. A meditação póde ser uma contemplação interna...

*
* *

O Flirt é um phenomeno gravissimo — é a ultima etapa da seducção da Mulher. A Mulher, aliás o unico osso desnecessario de Adão, é o osso dominador do universo.

O personagem Deus fel-a na sombra, mysterioso e subtil, em-

quanto Adão estava dormindo, e deu-lhe uma alma de onda, de renda, de attracção, de encanto e de perversissima bondade. Quando Adão accordou, extasiado ficou. Não era para menos. Um pedaço da Via Lactea parecia ter descido do escuro azul da noite estrellada. O Paraiso, que até hoje ninguem sabe onde foi exactamente, rescendia mais, e aquella meiga luz, aquella doce luz sorria, fazia comprehender o Desejo — a suprema delicia de viver. Adão não era bem uma alma de analyse. Deixou de indagar a razão do mysterio, apparecido assim, de noite, enquanto o Paraiso dormitava. E atirou-se. Todos nós fazemos mais ou menos como o Pae Veneravel: atiramo-nos. Questão de atavismo egoistico impellindo-nos a desejar mais do que tudo, um osso inutil que a lenda diz ter sido nosso.

D'essa pretensão irracional vem talvez o erro millenar em que laboram os homens de querer possuir, dominar, satisfazer e conhecer o osso sensível, a primeira costella do lado do coração. Os erros acumulam-se, a Mulher é cada vez mais a Esphinge que fala, e o homem cada vez mais pretencioso, só lhe atira injustiças. Injustiças de raposa que não alcança as uvas, mas injustiças brutaes que passam por graça e até por galanteria.

Que pensa o homem da mulher ?
Mal. A alma do povo está no proverbio. Que diz o proverbio picardo ?

*Mulher ri quando pôde
E chora quando quer.*

E o flamengo ?

Tres mulheres valem um mercado.

E o normando ?

De mulher e de cabellos
Sempre ha o que dizer

E o italiano ?

Desconfia das mulheres más
E não confies das boas.

E o chinês ? Até os chinezes inventaram a celebre phrase : — a mulher tem os cabellos cumpridos e as idéas curtas ! para que Alexandre Dumas a empregasse passando por tel-a escripto . Essas vulgaridades do rifão não são ultrapassadas pelas phrases dos reis . Francisco I dizia :

Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fle

uma dessas amargas phrases de despeito que não o lisongeiavam . E Napoleão, que com ellas foi sempre um brutal por nunca as ter podido vencer, assegurava :

— As mulheres tem uma alma de renda.

o que vem a ser uma alma de fio de seda, de fio de linha, que começa, faz ponto, afrouxa, é relevo aqui, depressão acolá, forma viézes, curvas, flores, bichos, nomes, e que, uma vez acabada, não se sabe por onde acaba nem principia, labyrintho perturbador da sensação...

Quando o homem não diz mal, doutrina — o que é peor. Já um analysta assegurou com grande gravidade o seguinte : « Não ha nessa creatura que parece tão profundamente estudada senão paixão e amor, devotamento ou duplicidade, irresistivel pudor ou indonayel desejo. Mas as virtudes como os vicios ahi se encontram em estado endemico, germens que podem florescer ou perder se, segundo a^s

circumstancias, os meios, as temperaturas, e o talento do homem encarregado de cultivá-la. » E' o caso de Eva reduzida a um canteiro de sensações, onde ha toda a sorte de estados d'alma, todas as vibrações, todos os arripios phisicos e moraes. A maneira de fazê-la a mãe de Coriolano, Tosca, ou a Margarida do Fausto, entretanto, ainda maior admiração causa porque eu já conheci uma menina que sahindo de Sion — ha muitos annos já se vê ! — era perversissima, e um bandido com tres mortes, quarenta roubos e cincoenta e sete entradas na Detenção, que nos dias de visita tinha a chorar nas grades do seu cubiculo o perfeito amor de uma creança de vinte annos...

Definir a mulher ! Mas para que semelhante trabalho, se é impos-

sivel? Jules Laforgue chamava-as de *bebés monstros*: As mulheres fazem-me o effeito de bebés monstros, bebés importantes, monstruosamente desenvolvidos.» Michelet, falando da Revolução tambem mulher, e do Passaro que à mulher emprestou pelo menos o desejo de voar, disse, com o seu incorregivel lyrismo: «a mulher é ou infinitamente superior ou infinitamente inferior ao homem. E' uma lyra mais extensa, mas incompleta—por que as cordas do meio não são fortes.»

Monstros, lyras extensas com as cordas do meio frouxas, cordas cujo som deve ser semelhante ao zumbido das abelhas e aos suspiros das rolas! Para que tudo isso? Ninguem a conhece, ninguem a conhecerá: Errou Chamfort quando asseverava: «Com as mulheres

é preciso ou amal-as ou conhecel-as»—porque conhecel-as é amal-as e amal-as é perder o juizo. Errou Michelet, errou Laforgue, erram todos esses estupidos rifões, porque jâmais poderemos nós decifrar essa sensibilidade aguda, alma felina com garras de fêra e velludo nas patas, sentir curioso que perfuma como uma essencia, luz divina cujo calor pode acariciar e pode causar insolações. O homem que se agite conduzido por ella, porque só Proudhon disse realmente a verdade: a mulher é a desolação do justo.

*
* *

E foi a mulher que inventou o Flirt ! Ah ! nós temos uma porção de opiniões a respeito dessa almainha de etagére como diz o reverendo Samuel ! Nós nos julgamos immensamente superiores, immen-

samente protectores, immensamente incomparaveis? E entretanto para conseguir conquistal a—o que aliás não conseguimos—viramos de senhores em escravos, raivosamente defendemos este posto de servo da gleba mais conhecido pelo euphemismo de chefe de familia, e chegamos ao estado de metal inconsciente attrahido pelo iman. Esse iman é o amor. Será o amor? E' o desejo. O amor é uma loucura transitoria. O desejo é a chamma perenne, a ambição de um complemento que nos falta. Por força de poesia é que o desejo se exaggera na mascarada do amor, e quando o poeta disser :

O amor é a propria vida !

Amor é ver o sól por entre a noite escura
E' soffrer na alegria, é gozar na tortura
E' reunir n'um verso o infinito desejo :
—Viver por um sorriso e morrer por um
(beijo!

Pode a gente ter a certeza de que o amor è o nome do desejo desesperado.

A mulher aproveitou-o para se libertar de uma e'crauidão lamentavel. A principio, logo depois da scena de conhecimento absoluto do Paraiso, essa entidade carregava as armas de guerreiro, accendia o lume, dava cafunés. Era o *chasseur* da taba, o *maitre-hotel* e a dama de companhia. Um bello dia mostrou que era incapaz de ser *chasseur* e começou a tornar-se fragil nos gyneceus. A fragilidade accentuou-se a ponto de fazer o homem julgal-a a candura da terra e a fazer torneios com muito sangue por amor da sua bella. Essa attitude resolveu-a a ser Musa, a Musa inspiradora, e afinal hoje em que o homem é o servo, é o *chasseur*, e até mesmo a dama de com-

panhia, ella, que è incontentavel, quiz ter todos os direitos e inventou esse brinquedo turturante que todo o mundo chama o «Flirt...

*
* * *

O Flirt ! Que é o Flirt ? «O Flirt, diz Michel Provins, é o verme que docemente, sem que ninguem o veja entrar, estraga o mais bello fruto. Só se apercebem delle quando o fruto desprendendo se da arvore, cahe». Como não lhe bastasse essa viscosa comparação do verme, Provins, cuja vida se tem passado a contar flirts, diz, num horrendo ataque de dyspepsia moral : — o flirt é para as almas *blasés* o que o jantar é para os estomagos actuaes. Incapazes de dirigir os pratos de resistencia, nós saboreiamos os *hors-d'œuvre*, os apimentados e os adocicados.

E' horrivel. Ha peior.

O sabio Dr. Roux no *Instinct d'Amour*, assegura : — o flirt é a conquista amorosa sem amor, é o desejo de inspirar o amor sem o sentir. No flirt, cada um dos adversarios, sim ! é esse o nome que se lhe deve dar ! cada um dos adversarios acredita enganar e não engana, não imagina mesmo que o enganado é elle. Ri das palavras que diz e não percebe a ironia das que ouve ; pensa quasi sempre ludibriar e é a si mesmo que burla ; ri intimamente dos sentimentos que finge e não sente ser apanhado na rêde da comedia. O flirt é a luta amorosa.

E' ainda horrivel. Mas, felizmente, encontra a gente opiniões mais suaves. Octavio Uzanne definiu a coisa por grãos, que podiam ser de exame e podiam ser de

thermometro, porque afinal nós somos um mundo de thermometros para o sol do amor; um theorista portuguez, dessas coisas futeis com que se tece a gravidade da vida, affirmou: — O flirt é uma palavra ingl. za que deriva do francez. Já tem fóros de portuguaza: Garret, empregou-a. E' como uma batalha de flôres entre pessoas de sexo diferente. « E' a sombra do amor, é a sombra chinesa do amor... » Bourget, tão lido em 1890, foi tambem avisado: — o flirt é a aquarella do amor...

E aqui parámos todos num subito receio. Será? Será realmente a aquarella? a aquarella ou a sombra chinesa, a sombra chinesa ou o verme, o verme ou a lucta?

Oh! não! Deixemos as definições alheias. Ha por ahi muito

preciosismo e o resto como dizia Verlaine :

Le reste est litterature...

O Flirt é muito grave...

*
* *

Talvez mais grave do que toda a gente diz. O flirt é o resultado de um estado moral da sociedade inteira. é universal. Flirta-se nas grandes cidades e nas pequenas e mais atrasadas villas, flirta-se subindo o Nilo ou subindo a rua do Ouvidor, flirta-se á beira do Santo Sepulchro como nos kursaals da Suissa. flirta-se a todo o proposito, em todos os logares e com todas as idades. Mas, flirta-se porque? Porque o egoismo é maior, porque o esforço para o goso intimo é centuplicado, porque ha uma neurasthenia absoluta com todos os phenomenos de receio, hesitação e

inibição do desejo. Essa neurasthenia é de certo o resultado de uma torrencial surmenagem sentimental, de um período de romantismo, e de excessiva entrega de almas e de corpos. O homem deseja, mas teme as responsabilidades, a mulher quer, mas recua diante da responsabilidade e da desillusão. A traição deixa de ser um acontecimento mortal. Ninguém mais comprehende a quadrinha de Musset :

*Honte à toi, qui la première
M'as appris la trahison
Honte à toi, tu fus la mère
Des mes premières douleurs.*

A traição é um ensinamento na Duvida perpetua. Os grandes sentimentos dissolvem-se ; as grandes phrases tomam na conversa proporções de megatheriuns assusta-

dores ; teme-se o espasmo e o extase, e tem-se o frenesi de os obter. Se o Creador não tivesse feito as coisas cá por baixo menos mal, se a psychologia, depois, não verificasse, que no individuo são independentes da volição e por consequencia do cerebro, as funcções da vida inconsciente, essa vida perigaria de certo. A sociedade só chega ao fim por esquecimento, a sociedade teme, a sociedade não se assusta com o que dizem della, assusta-se por talvez não encontrar o que almeja.

E' a neurasthenia. Da neurasthenia resultou a delirante crise de sport, da furia, da força e das velocidades habéis, que actualmente agita o homem. O Flirt é uma consequencia dessa consequencia ; — é um sport, è a « cabra cega » do amor, em que o homem tem os

olhos vendados, é, plasticamente curioso, porque se faz renovador das attitudes no Amor, a espiritualisação *in extremis* dos sentidos, a velha lucta entre mulher e homem n'uma parallela em que o encontro infinito está sempre ahí e sempre infinitamente afastado...

*
* *

Todas as coisas são boas e são más. Ampliando, generalizando, englobando, chega-se à neurasthenia diffusa como sua origem. Analyzando-o apenas, detalhando-lhe a obra, fazendo a anatomia da sua essencia perversa encontramos-lhe uma serie longa de superioridades e de distincções.

A primeira é a differença entre o flirt e o namoro. Namorar é antigo e virtualmente democratico, namorar é deploravel e velho. Já

Horacio, o poeta gorducho de Mecenas, dizia :—a pastora forma o beijo para que o pastor o roube. Já todos sabem que, quando julga dar o abraço de posse perpetua, o homem sempre vão e vaidoso murmura :—*meu bem !* o que é o maior dos paradoxos da especie homem desde o Paraizo. O namoro è millenar, mas está para o flirt como uma proporção arithemetica para uma geometrica. Os que namoram são simples, sem espirito e com muita carne; os que flirtam tem espirito quasi tanto quanto carne e ás vezes até mesmo mais. Um rapazola namorador não passa das phrases consagradas, dessas tão velhas que parecem velhas sempre alegres :—Quem me déra ser pedra para a sra. pizar ! Ou então :—Se eu pedir, yayá, você me dá ? Os jovens *dernier batteau*, os Priola

incipientes, dizem nos salões emquanto as orquestras desfiam valsas enervantes :—Sabe V. Ex. que está allucinadora?... ou então : Que nuca a tua ! Um beijo para a minha vida !... O flirt só pertence á nata, ao escól, ao *dessus du panier*, ao pessoal *dérnière petrolette*, o pessoal que custa a se comprometter, veste bem, cria em torno uma athmosphera de excitantes, e, antes de se entregar completamente, reflete com calma na vida, na carteira de cambio e nas suas consequencias. Nunca passou pela imaginação de ninguem o flirt de um vendedor de balas ou de uma lavadeira. E' uma ideia que horripila. Entretanto, ao ver tres ou quatro cavalheiros com quatro ou cinco damas em torno ao samovar de um chá das cinco, ou num baile, entre espaldas núas e peitilhos re-

luzentes, não ha quem não diga :
Nossa Senhora ! Que flirtation !
Que flirtage ! — para ir, invejo-
samente. fazer o mesmo alli ade-
ante.

No cerebro do homem de socie-
dade a noção de flirt já se radicou a
tal ponto que não ha homem capaz
de conversar dez minutos com uma
senhora, sem que lhe emprestem ou
que elle mesmo tenha a intenção
de aproveitá-los nessa especie de
trottoir-roulant do Amor... Flirta-se
como se fuma : é um costume ad-
quirido, è um habito, é um vicio
permettido. Seria mesmo reparado
que não se flirtasse. O flirt é como
o charuto. Fornece a breve illusão
no seu leve fumo. faz mal aos que
o experimentam pela primeira vez,
e, quando se apaga não se o torna
a accender—porque ninguem ac-
cende um charuto apagado como

não ha quem o fume todo, com medo á queimadura do labio...

D'ahi outra distincção : a completa amoralidade de que è elle amostra. Nós andamos muito pouco certos da vida para termos tempo de amar com paixão. O amor é uma caldeirada egoistica para vorazes glutões.

O flirt salta do aperitivo ao café da sobremeza e naturalmente é cynico, è canalha, é amoral.

Amoral sim ! A moralidade é uma facecia tristonha que cada qual usa conforme entende para atacar o proximo. O flirt é amoral, como o derriço do baixa classe, e essa amoralidade, a completa ignorancia da crime é que salvaguarda o estado das camadas sociaes. Se tirassem uma costureira modesta, que ama o seu rapaz ou mesmo os seus rapazes, para uma

festa de caridade ou um baile onde flirtam as *foot light* e as *professional beauties* do estação, a costureira achará isso uma pouca vergonha. Em compensação uma grande dama não suportaria nem a vista de um «reconhecimento» de costureiras à saída do atelier...

O flirt tem além da elegancia e da amoralidade a renovação das expressões nos dialogos e a marca indelevel de ultima obra, de *vient de paráitre* da seducção feminina. Que seria Romeu hoje? bem grande cacete. Paulo e Virginia entre as bananeiras da Ilha de França? bem intoleravel aborrecimento. E Hernani? E Othelo? D. Juan mesmo para resistir teve que mudar de nome. Já ninguém namora hoje encostado a um lambeão de frente da janella da apaixonada, nem ha quem diga a serio :—«In-

grata, se não fores minha não serás de mais ninguém!» Tudo isso passou. Algumas palavras previas antes dos gestos tornaram-se inteiramente inúteis. Quem é capaz de dizer hoje aquelle desejo da velha canção franceza :

*Mets ta main, ta petite main
Ta main dans la mienne ?*

Péga-se, aperta-se, beija-se e não se diz nada—porque não vale a pena. Em compensação fala-se mal das pessoas ao lado, e discute-se coisas «que não compliquem a existencia». E' nesses momentos que as mulheres põem em evidencia os recursos especiaes do seu estranho genio, sorriem, reconstam-se, dão risadinhas, arranjam a pose irresistivel, saccodem uma renda, uma gaze pura que o seu perfume attúe, concedem, con-

cedem até onde quèrem, são a Tentação lendaria em luta com o tentador, nessa analyse chimica do casamento antes e depois que é o flirt analyse feita, como a maioria das analyses, de sorpresas, ineditismos, coisas vagas, coisas falhas, coisas subitaneas, coisas imprevistas...

*
* *

O flirt como o automovel, é na nossa sociedade uma necessidade e uma importação. Para os automoveis foram abaixo as barreiras da Alfandega, não houve protecçionismo possivel. O flirt nem precisou de pôr abaixo impostos excessivos, entrou como entram as sêdas dos grandes costureiros, desembarcando na praia do Russell, de noite, sem que o fisco dêsse pela fraude. De origem ingleza ou americana, via New York ou via Lon-

dres ? Ninguem o sabe nem o quiz saber. Se via Londres asseguremos as conveniencias da sua moralidade, do *cant* austero e das austeras *miss* que são governantas. Se via New-York — o seu lado essencialmente pratico. Houve e ha quem assegure que o flirt chega ao Brazil via Pariz, talvez já contrafacção, o que lhe importa uma dose a mais de viciosa elegancia. O caso é que dominou como os automoveis, dominou vertiginosamente, e nós ficamos como todos os paizes sabendo o que é um 40—cavallos e o que é a curva perigosa dessa esterilisação do amor.

Naturalmente, se formos perguntar a opinião de um senhor idoso, o senhor idoso dirá: « O namoro de hoje é indecente. No meu tempo não era assim ».

E' mania dos contemporaneos já

em declínio, achar a sociedade de agora muito peor que a do passado. O estado está perdido, o catholicismo já foi o que não é hoje, os preliminares do amor são um escandalo.

Nós temos, entretanto, essas tres coisas heterogeneas, em que assenta a sociedade : o estado, a religião e o amor, recebendo as mesmissimas censuras atravez dos seculos e cada vez mais moraes. O flirt, por exemplo, além de ser uma irresponsavel resultante da nevrose geral, é evidentemente moral em comparação com o que se fez outr'ora.

Ha mesmo coisas de um passado proximo que arripiariam agora.

No tempo do Rei-Sol, Luiz XIV mandava cartinhas amorosas pelo veneravel Bossuet. A cidade, o paiz, o mundo não tremiam hoje,

se Fallières ou o Dr. Affonso Penna escolhessem um simples bispo para esse serviço secreto? Se dissermos a uma grave matrona que respeita Bossuet: a X está flirtando com o joven H: a matrona porá as mãos na cabeça, totalmente escandalizada desse meio directo de approximação. Devemos censural-a por isso? Não! Ella tambem pintou o sete, se pintar o sete é obedecer ás leis fataes da natureza. Apenas pintou de outra maneira e com outro genero de conducções.

Ha no mundo coisas muito diversas, que teem uma secreta correlação. O amor no Rio evoluiu com a viação urbana...

No tempo da colonia, por exemplo, os generos de conducção eram a cadeirinha e a rêde. Viam-se passar pelo Largo do Paço sujeiti-

nhos, muito bem deitados n'uma rêde indiana, ao trote de dois pòbres negros. A cidade tinha um aspecto de Africa do norte, Argel menor, sem francezes domiciliados mas com assaltos de francezes. As casas eram caiadas de branco, sem janellas, apenas com um pequeno postigo ; e, quando janellas havia, essas eram gradeadas.

As filhas dos colonisadores eram como os escravos, sua propriedade. Não sabiam ler e passavam o dia a conversar com as mucamas — o que de certo tambem fariam os irmãos e algumas vezes os paes.

Quando o noivo escolhido pelo progenitor indagava :

— Dona, quer casar commigo ?

A menina baixava os olhos e respondia :

— Não sei ; se pàpá quizer...

Mas não havia namoro? Ora se havia! Havia sim nas celebres missas da madrugada com cochichos á pia d'agua benta e recadinhos passados atravez das beatas de mantilha. Quando a coisa estava de mais, os paes mandavam as raparigas para o recolhimento do Parto ou de Itapirú — este ultimo tão comico que na epoca do conde de Rezende lá se deu um escandaloso processo: as meninas namoravam em bando, trepadas ás rotulas do convento, fazendo signaes aos rapazes, no morro do Castello! Essa era a época da rede e da cadeirinha. Foi tambem a época do amor relapso, ignorante e hypocrita.

Com a abertura das portas e a chegada de D. João VI veio a época das seges. A igrejas e o estado forneciam o elemento appro-

ximativo, as procissões, as missas, porque havia missa a toda a hora : — a missa das quatro em S. José, a missa das cinco, a missa das sete, a missa das oito e meia, a das nove, a das onze, e até a missa do tiro de peça. O namoro precisou de um sacristão e surgiu o moleque para os recados.

Vieram depois as tres etapas da locomoção democrata : a gondola a secco, o bonde e o electrico E' a sociabilisação do amor, é o interessante e longo namoro da janella e da passagem da conducção — tudo quanto ha de lyrico e de idiota. Para esse amorinho fizeram-se graves e profundos livros que os nossos avós, os nossos paes, e talvez os nossos irmãos mais velhos folhearam muita vez comancia. Um delles foi o tractado da linguagem dos gestos. O cavalhei-

ro, passando de bonde pela casa da namorada, podia fazel-a chorar, rir, cantar, ficar triste, alegrar-se. Para isso bastava fazer um gesto. E' assombroso, mas é verdade. Se vinha baforando um grosso charutão, significava apenas: não te dou a minima importancia. Se limpava o suor do rosto: quantos trabalhos me dás! Se passava com a ponta da bengala para o ar — estou de ponta comtigo! Se trazia o braço em decubito: estou com dôr de cotovêlo, isto é com ciumes, com vontade de quebrar e cara alli ao rival. Se trazia o dedo na frente: as coisas não vão bem! Se coçava o nariz: Lá vem gente!

Acontecia que esses gestos eram ás vezes involuntarios, e d'ahi creanças assustadas quando estavam ardentes, brigadas quando o amor era mais forte. Surgiu a linguagem

das flores — para simplificar. Um jardim e alguns movimentos bastavam para falar-se com uma ligeireza de espantar.

Mme. Charlotte de Latour conta-nos isso quasi emocionada. Um botão de rosa com folhas e espinhos quer dizer: temo mas espero. Rejeitado, de pernas para o ar: Pois não tema nem espere. O mesmo botão sem espinhos: Pois acho que tenho tudo a esperar. Reentregue sem folhas: —A te ner é que, é. O lirio significava: começo a amar! a tulipa: declaro-me! o myrto: amo-te! o narcizo: que egoista! Como porém a especie, a côr e a posição da flôr influíam ao mesmo tempo, um cidadão se tivesse na mão, a balançar uma flôr vermelha, podia ir a dar pinotes de alegria que a namorada comprehendia immediatamente esta ameaça tremenda:

cuidado ! estou com vontade de beber-te o sangue !

Foi então que surgiu a carta, a epistola amorosa. Já os bondes chegavam á Real Grandeza... A carta de namoro ! Durante annos foi a ne vrose das meninas e o microbio dos sonetos. Uma quadrinha d'aquelle tempo diz mesmo :

*Uma menina brasileira nata
Quando apanha uma paixa
Compra logo uma caixa
De papel diplomata.*

Os namorados tambem compravam, e a musa urbana que guarda todas as verdades e todos os factos desde a guerra de TROYA até a ascensão de um balão espherico, a musa urbana accrescentava :

*Sinhasinha presumida
Com seu cabello loiro,
Fica toda delambida
Com a carta de namoro.*

A carta é um estylo litterario. Os nossos paes deviam ser terrivelmente lettrados. Mas não foram. O estylo tropeçava na emoção, e de vez em quando a franqueza era mais forte do que a fantasia. Houve um que terminou a missiva neste grito d'alma.

Deste que de ti se esconde

Sempre teu e teu Osear

Note-Bem : não vou jantar

Por não ter nm nickcl p'ro bonde.

E guarda-se mesmo aquelle *post-scriptum* celebre : « Se teu pae ou tua mãe ahi estiverem, não leias esta senão mais tarde.»

— Depois dessa complicação toda, o ramorado entrava em casa. Era o ponto terminal, a *chocação*, o momento do recitativo —» Seu Antenor o sr. recita? — « Um pouquinho d. Elvira.» — Qual é o seu

Um bello dia appareceu o Ariés 60 cavallos. Havia aberta a primeira Avenida: os motoristas eram inhabeis, mas o carro partiu varrendo as recordações, deixando o proprio electrico ponto vago numa vaga nuvem de poeira, e surgiu o flirt, o minuto, a sensação rapida, o egoismo, o passeio vertiginoso em torno do perigo... Era a ultima etapa da viação urbana antes da provavel e muito proxima viagem aèrea. E' a ultima forma do amor, antes de o vermos definitivamente pelos ares...

...

Como seria interessante se uma senhora passional se resolvesse a contar as suas impressões masculinas, a rasão das suas predilecções, o motivo da sympathy!

Só assim talvez tivesse o mundo uma lei psychologica para o hom-

me à-femme, que ás vezes é feio, outras lindo, numas brutaes. noutras assucarado, que surge hercules de feira ou adonis, que pode ser um genio e um crapula e pode ser um estúpido e um ingenuo. O flirt é em grande parte uma consequencia de reflexões da mulher— a mulher que escolhe sempre e sempre tem o que deseja. Os typos brilhantes de tentadores são tidos voluveis e por elles a mulher tem uma irresistivel boa vontade. Musset, que foi um grande conhecedor do assumpto já o prognosticava e, ainda, ha pouco com perfeição e subtileza o affirmava Anatole France. A mulher deixa-se mais facilmente prender pelo flirt amavel, pela galanteria espi-ritual, pela côrte desinvolta de um cavalheiro menos apaixonado ou e pela paixão silenciosa, por ve-

zes massadora de um louco adorador. Os satanicos, os ousados triumpharam sempre; Camors, Priola dominam, ao passo que Werther e Lorenzacio andam por ahi a morrer. E porque? sim. porque? Porque a vida é o momento, porque a eternidade só pode ser comprehendida por uma successão de mortes, porque o unico grande sentimento é aquelle que não fatiga, attrahe, esvoaça, foge, reaparece e se perpetua na curiosidade. O flirt resalta dessa theoria tão bem explicada pela nossa veneravel mãe Eva, o ser de adapção que a tudo se amoldou para nos moldar ao seu capricho.

Hão de conhecer aquelle dialogo da «Mulher sem Importancia» de Wilde?

—Vamos tomar chá?

— Gosta então dos prazeres simples ?

— Adoro-os. Os prazeres simples são o refugio das almas complexas. Mas se quer, fiquemos aqui. O livro da vida começou com um homem e uma mulher num jardim.

— E acabou com a Revelação...»

Hoje, o livro da vida está muito mais complicado e o amor é um delicado drama musical em que as arias de seducção se complicam de assonancias e de instrumentações rarissimas. O flirt é uma arte de instrumentação de desejos, capaz de agradar a todos os temperamentos, mas, talvez por isso, difficil.

Se o executante fór falho e não conhecer bem a partitura, é um desastre; se o artista apenas sahido do *Vem cá Bitú...* com um dedo só, arrisca a mão ao excesso

de batucar um preludio, tem diante de si o escolho da perdição.

E' preciso saber tocar, harmonisar os temperamentos, afinal-os pela diapasão do mais forte.

O flirt ensina-se pela especie de *flirteuses*. Encontramos por exemplo a *flirteuse* profissional, uma senhora que tem em geral o vicio de ver todos os homens a seus pés para metter ferro ás amigas, convencer-se da sua radiosa belleza e prosperar. Orça pelos trinta e tantos e toda a gente a chama : a *bella mme. Gonzaga*. Esta dama é vaidosa como uma artista, artificial como um comico, e inteiramente insensivel. Que fazer? Flirtar! Como? O coro de Thanauser, phrases de effeito e de obrigação. Vem em seguida a *flirteuse* ingenua, que faz isso por instincto lançando a isca do casamento um, dois, tres

annos, sempre linda, talvez mais linda. Então ? A approximação de Lohengrin e uma fuga, uma fuga de Mozart... Mas ha ainda a *flirteuse* estourada que faz tudo por sport e traz atrelladas ao carro pelo menos tres parelhas de gulosos d'amor ; a noviça desejosa de conhecer tudo ; a romanesca que procura attitudes antigas e treme como deveria tremer un a dama da idade media á declaração do pagamento fatal ; a ironica envenenada, louca de desejo mas troçando, troçando porque é essa a sua unica defesa ; a perversa que só flirta com o cavalheiro alli ao lado para arreliar o marido, o noivo, ou ás mais das vezes a mulher do cavalheiro ; a casada que tem obrigações ; a divorciada cuja posição é tão delicada na sociedade, a virgem que começa a dar grandes liberdades...

Para a collecção de temperamentos femininos, cada qual a requisitar um estylo de flirt diverso, ha a multiplicidade de typos de homens. A variedade é ainda maior. Ha o irresistivel, o sujeito de attitudes tremendas que quer, exige; o serviçal, que vae aos recados, trata dos cachorrinhos; o *smart*, devendo ao alfaiate, e sempre preocupado com o vinco da calça, o pollido das unhas, o passo inaugurado no «footing» matinal; o curioso que se intitula modestamente «ledor do coração da mulher»; o diplomata convencido da obrigação de fazer declarações em cada canto do salão; o timido—o flirt é a delicia do timido!—o timido que tendo a certeza de que aquillo é só aquillo, aproveita a occasião e transborda o coração; o brusco que só fala de rowening,

touros, automobilismo: o inoffensivo, agua sedativa nos momentos de transição; o pedante que escreve cartões postaes com os versos alheios; o vaidoso convencido de paixões geraes: você já viu o olhar da X? Aquella Lili Péres tem por mim um cahido!... o conhecedor: a mim é que ellas não enganam! sendo enganado a cada passo...

Para a justa posição desses temperamentos, para a harmonia do *duo*, que é preciso manobrar com pericia, sem que a dama caia. Desde que se cãe, o flirt deixa de o ser. Flirt é apenas pender. Por isso Stechetti, para acalmar possiveis sustos, escreveu:

*Pieno di scene orrende
Sarebbi il mondo entier
Se tutto qu'el che pende
Dovesse, oh Dio! cader...*

Esta é a parte principal do contra ponto amoroso...

. . .

Quando já se sabe isso, quando tanto a mulher que domina e o homem que é dominado, sabem os gestos convencionaes, resignam-se á fatalidade da vida preciosa e passam, riem, folgam de accordo sorrindo do proprio mal ao vel-o no casal proximo—ha então a necessidade da pratica, do conhecimento das relações entre os ambientes e os temperamentos. « Nós amamos como vivemos, diz o analysta. A secura, o calculo, o desejo do confortavel eis o mobiliario das almas actuaes. Nasce nesse meio o flirt que dá o prazer sem despeza, um pouco de voluptuosidade sem consequencia, permite dizer tudo sem fazer nada. «Como tal é preciso ter de cór a aria da seducção, aproveitar os momentos definitivos, o baile, o canto

junto á janella, as horas, as horas
essas terriveis ancillas da vida, que
como todos os creados, são ás vezes
desagradaveis, as horas que se de-
nominam de tempo em tempo *l'heure*
du berger e a *hora do carvoeiro*.

E os dias? Já um personagem
rediculo de uma comedia parisi-
ense caricaturou os versos do poeta
dizendo que ha um dia no amor
azul, outro côr de rosa, outro ama-
rello, e outro que elle chama côr
de treva. E a idade? Ha assedio
mais sabio que o de um homem de
quarenta annos? Ha ataque mais
desconcertante que o de uma ra-
pariga de vinte?

Quando se chega a esse conhe-
cimento subtil, só ahi nos appa-
rece, como uma resultante, o dom
de agradar.

Ce don de plaire, en nous plus sounhaité
Que nest' l'esprit, plus sur que la beauté

E que no seculo XVIII era tido em tão boa conta.

A pratica de taes commetimentos deixa naturalmente alguns amargores nos que ensinaram e perderam os discipulos. Mas não se fale em ingratição, Sthendhal dizia que não pode haver ingratição no amor. O prazer de momento paga tudo, até mesmo os sacrificios maiores...

E esse prazer do momento classifica-se, divide-se em classes, sub-classes que a pratica esclarece. Ha o flirt de bond, com contactos mysteriosos e phrases breves sem olhares. O maior prazer do amor é tocar, é pegar. Ha o flirt imperativo que começa por odio e que acaba no prazer delicioso de duas carnes que se correspondem. Ha o flirt passatempo, quando não se tem que fazer e se espera o outro. A maioria

dos flirts é assim, porque a mulher sente a necessidade da lisonja perpetua e o homem faz da mentira galanteria. Ha o flirt casado. Oh ! esse ! E' possivel esperar tudo ? Ha o flirt solteiro, sem ponto terminal. Ha o flirt continuo, o sujeito que algumas damas trazem como as luvas, sempre, sempre opacos, sempre acidos, sempre tristes. Ha o flirt exasperante, que alguns chamam branco e toma ás vezes a côr da congestão. Ha o flirt galanteio :—Como está bonita hoje ! — Acha ? — Acho. — E' sempre assim para todas as mulheres. — Se todas as mulheres lembram-me a senhora ! — Diga-me, foi hontem á casa dos Belfort.—Fui, não podia deixar de ir. Mme. Belfort estava de velludo preto. Velludo ! Aquelle vestido deve ter a idade do marido.— E porque não

a della? — Porque ella é ainda mais velha do que elle! — Máu! Oh! esse seu cabello caindo assim na nuca é de enlouquecer.— Porque não enlouquece? — Para não beijal-a agora, já... — Olha, gente... Toda uma subita cumplidade de ousadia e de recusa. Ha o flirt má lingua, o flirt inteiramente puro, ella e elle admirando a belleza e procurando o meio de sentil-a; o flirt polyglotta, denominado por alguns *rasta*, flirt em que elle estudou na Austria, na Suissa ou na Inglaterra, e ella por lá passeiou depois de ter cursado com brilho Sion, a classe grenat, a classe salmon, a classe beije, todas as classes, *toute la lyre* do estudo. Ha o flirt outonal, o ultimo flirt da idade de amar já sem reflexão, o flirt de «Maman Colibri» dos quarenta annos loncos da paixão...

E ha até, ó velhos deuses do Prazer e do Amor — o cume da montanha, o pico do desvairamento, o flirt quasi deixando de ser flirt.

Toda a gente sabe que o prazer é uma impressão phisica diffusa. Ao receber uma boa noticia a circulação accelera-se; quando se ouve musica, um maxixe ou um nocturno de Chopin o nosso phisico acompanha a emoção da onda sonora. O flirt é uma estranha musica. Quando chega ao cume ha uma fermata tremenda. A vibração dos instrumentos faz gemer o ambiente num derradeiro soluço. O polo negativo e o polo positivo obdecem á attracção. Cada gesto é um assombro, cada olhar um extase. Outro mundo — accorde final.

E' a catastrophe. E, neste caso, o flirt estala, lyra branda e delica-

da para ter por muito tempo as cordas tendidas num tão furioso arranco...

*
* *

O flirt, porém, não é só um renascimento das attitudos do amor, o resultado da nevrose moderna, a ultima etapa da seducção da Mulher.

O flirt é tambem entre nós um reformador de costumes e o propulsor de uma litteratura nova. Ao amor antigo na nossa terra, ainda colonia mental, bastava uma janella e um piano. O amor actual, super—intellectual mesmo quando praticados pelos que o são menos, trouxe da Inglaterra a necessidade do comfortable, das avenidas de New-York a necessidade de espantar, de Paris o que nós, banalmente, chamamos o chic. As habitações antigas tinham tudo, menos

o senso decorativo interno ; e as casas de muito luxo, os *at-home* da gente fina lembravam um sonho *rocaille* com elephantiasis. No começo da Republica ainda era peor, e a falta de gosto do Ensilhamento, a estridencia espalhafatosa dos barbaros avidos de gosos brutaes não podia ser senão o que foi: uma crise feroz de papel dinheiro e fartura de philistheus. O flirt, instinctivamente e quasi de subito, ensinou o encanto de fazer de uma casa a muldura relevo da mulher. Dantes havia a pobre baroneza, que aturava as recepções do marido ministro, fazia doces e conversava costuras. Hoje ha um ser perturbador, que para ser totalmente admirado, provoca um sentimento independente da posição do marido ou do pae. Ha as recepções de madame, vae-se ao chá de madame

— e o marido na sua casa, onde ha trinta annos só se entrava quando elle lá estava — passa á segunda ordem e chega ás vezes a passar despercebido. D'ahi os serviços leves de jantar guiados por chefes vindos de França; d'ahi esses capitosos salões, onde madame recebe os intimos, entre *bergéres* estranhas e divans feitos para o effeito dos longos *tea-gowns*; d'ahi as coisas raras de elegancia que aguçam o instincto do vaporoso, do raro, do precioso; d'ahi o renova-mento da decoração interna.

Por outro lado, o homem anterior ao Flirt, se pertencia á perigosa classe dos intellectuaes, usava umas cabelleiras selvagens e nmas roupas feias; se era normal, concertava mais a pastinha durante o namoro, punha uma flôr ao peito, e tinha no maximo tres fatiotas. A

elegancia masculina era uma hyperbole violenta, ignorada pelo estranho e usual conjuncto da calça de brim branco, do frack preto, da cartolla e da bota de verniz. O homem tinha a pretensão insolente de ser homem, o macho pae de familia, superior á mulher, senhor da mulher, que a tomava para seu goso, seu brinquedo, a mãe dos seus filhos e a primeira das suas criadas. O homem era estupidamente fatuo, mais do que sempre. Hoje, chegou á convicção de que o amor uão é contracto de arrendamento de uma casa, de que é preciso conquistar todos os dias o que conquistou no primeiro, tendo ao lado a concorrência, senão legal, pelo menos humana, de uma turba de adoradores.

A mulher é o sól; os homens giram-lhe como loucos em torno, esmolando o calor que fecunda, que

faz viver e que mata. Conscio da sua fraqueza, o homem perdeu a confiança no proprio phisico, voltou-se para o espelho, limou as phrases e limou as unhas, inventou laços de gravata e sorrisos gentis. O dandysmo é o egoistico desejo de agradar. O dandy vive do flirt como o gyrasol de um raio solar.

E não ficou só ahi, na transformação dos moldes decorativos das casas, na transformação do homem, na extincção do preconceito que não admittia uma conversa mais longa entre uma senhora e um homem, sem o cochicho, a calumnia, a sóva do páe, a raiva do irmão e o ciume do marido! O flirt renovou a litteratura e as preferencias artisticas. Em toda a parte do mundo desde a India, a litteratura guarda as feições do amor. Com a Arte de Amar de Vatsyayana, os

poetas fesceninos da Grecia, os depravados poetas latinos, os romances da cavallaria, os alambicados escriptores do XVIII seculo e o romance moderno estuda-se a evolução do Amor. Menos que isto. Basta cousultar os livros sagrados do *Kama Sutra* ao *Korão*.

Aqui, porém, já lá fóra havia Bourget e Hervieu, nós ainda estávamos fataes, correndo atrás da *Moreninha*, dando passeios de barca com o *Moço Louro*, tendo por ideal a *Iracema*, ou o *Guarany*, onde, como se sabe, um indio de tanga, pegador de tigres, tem o exotismo de amar uma pequena denominada Cecy... Se a prosa era assim; o verso redobrava de cabelleira e de fatalismo chorão. Tudo quanto nos delicia, encanta e alegre, tudo quanto nos dá o prazer de viver, era para os poetas motivo de hor-

ror; e não houve um só que não criminasse a valsa, o baile, as festas. Quando já se fallava em Nietzsche, nos super-homens, nas complicações do *Cœur de femme*, ainda a poesia tremia indignada

Hontem no baile...

O flirt renovou tudo isso,—porque a mulher o quiz e o que quer a mulher quer Deus...

*
* *

Depois — Se pensarmos bem, tudo hoje na terra é flirt. Desarticulae a palavra, vêde o sentimento que a compoz. Flirt é na sua essencia o sonho acariciador do ser actual querendo e hesitando realizar uma acção futura. Em flirt constante vive a nossa alma, flirt dos contemplativos, flirt dos neurasthenicos, flirt mesmo dos que se

— julgam fortes. Querer e não ter coragem de se apossar por inteiro, é bem a nossa alma febril, excitada, nervosa. Tentar quasi entregar-se, ter um pouco mais de coragem que não basta, viver na eterna vibração das sensações por conhecer, é bem a alma da mysteriosa mulher de hoje. Sim ! Tudo é flirt ! E' um *flirteur* o poeta, é um *flirteur* o bol-sista, é um *flirteur* o *clubman* no eterno namoro da Sorte, a unica deusa que nos resta do esfarelamento total dos deuses ! Quem sabe se o Flirt, tão agudamente moderno, ultimo meio de appro-mação do Homem e da Mulher não é a crise da Revelação ? Quem sabe se inconscientemente, o homem não vê nessa transformação a mulher, afinal livre de todos os preconceitos que a escravisavam e a humilhavam ? Quem sabe se a mu-

lher agindo pela frivolidade para conquistar as grandes cousas, não tenta o derradeiro esforço para ser a companheira igual, o symbolo da Perfeição, ella que foi o symbolo da Belleza em Venus, surgindo da espuma oceanica, o symbolo da abundancia em Isis chorando o Nilo, o symbolo da Castidade, em Maria, Nossa Senhora? Talvez!

Neste grande momento, entre gazes e sedas, ella é a Seducção, a Seducção irresistivel, que faz transpor mares e montes, que arrasou Troya, que transforma o orbe; neste momento, a Seducção creou o Flirt, palavra de seda que parece um rufo d'azas e que exala todo um enebriante perfume. O homem agita-se. A mulher o guia.

Sigmol-a nessa delicia perturbadora, ó homens mortaes e fracos, porque no seu sorriso divino enb

perdeu Adão e nos salva a nós, o flirt é talvez o desabrochar da perfeição !...

*
* *

Mas talvez eu tenha dito muito. Que importa? Flirt? Palavra com que se denomina uma especie estranha de approximação. Máo?

E' tão facil atacal-o! Bom? E' tão facil defendel-o...

Que importa a definição se tú o gozas? Já Goethe dizia: « Se com este sentimento tú és feliz, chama-o como entenderes: felicidade, coração, amor, Deus! »

Chama-o como entenderes.



A apparecer:

HORAS DE CIRCO

— DE —

João do Rio

Edições desta livraria

O DOTE, comedia em tres actos de <i>A. Azevedo</i>	2\$000
O ORACULO, comedia em um acto de <i>A. Azevedo</i>	1\$000
O CANDIDATO, comedia em um acto em verso de <i>Braz Patife</i>	1\$000
HORISONTES, versos de <i>Eduardo Nazareno</i>	2\$500
GIOCONDA, tragedia em 4 actos de Gabriele D'An- nunzio, traducção de <i>O. Duque-Estrada</i>	2\$000
NO PRÉLO, a sahir:	
O CRAVO VERMELHO, ro- mance brasileiro de <i>Do- mingos Ribeiro Filho</i>	2\$000
NOÇÕES DE PHARMACIA GA- LENICA, por <i>Pedro Au- gusto Pinto</i>	5\$000